

REPORTAGEM DE CAPA

Feijão e gado cobrem custo de pinus em desenvolvimento

Leguminosa entra primeiro e, depois, os bois, até o pinus começar a dar resina

JOSÉ MARIA TOMAZELA

Em 25 hectares de pinus que o produtor Antonio Carlos Stecca cultiva no Bairro Monjolinho, município de Buri, no sudoeste do Estado, foram produzidas, em duas safras, 650 sacas de feijão. Em outra área de 35 hectares, onde estão plantadas cerca de 35 mil árvores, Stecca engorda 36 cabeças de gado nelore.

Plantar feijão e criar gado no meio da floresta foi a forma encontrada pelo produtor para aproveitar melhor a terra na fase inicial de crescimento do pinus. A receita da lavoura e do gado cobre os custos de manutenção das áreas e ainda proporciona algum lucro ao produtor.

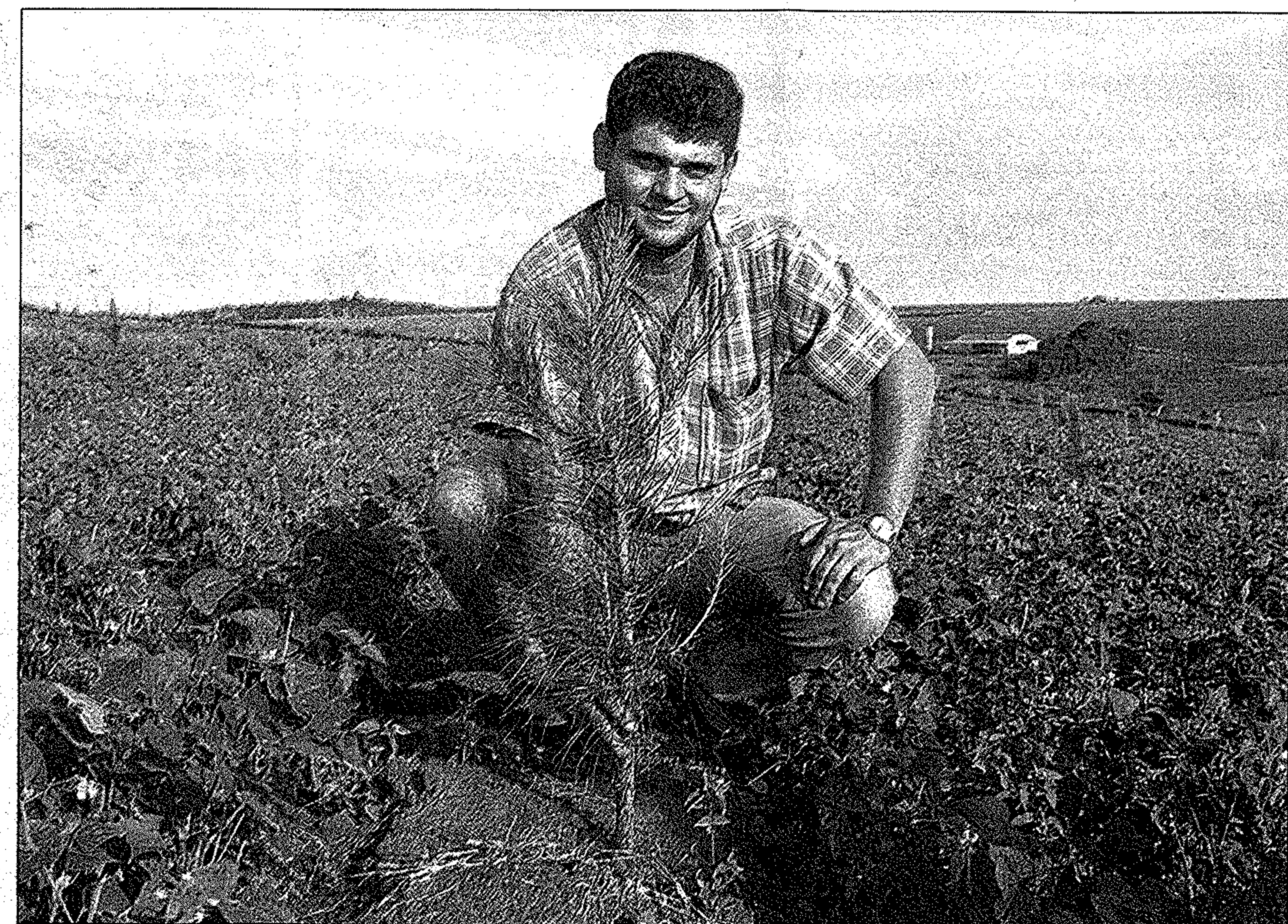
"O feijão foi vendido pela média de R\$ 90, rendendo cerca de R\$ 6 mil nas duas safras do ano, o que representou renda extra anual de pelo menos R\$ 240 por hectare", diz o agrônomo Marcos André Ressude, que assessoria a propriedade.

Parceria com ONG - O sistema agrossilvipastoril, como é denominado esse consórcio do *Pinus elliotti*, bom produtor de resina, com lavoura e gado, foi desenvolvido pelos técnicos da Planebrás, empresa de reflorestamento pertencente a Stecca e sócios, em parceria com a Associação Ecoar Florestal, uma organização não-governamental paulistana.

O consórcio começa a atrair os produtores da região. "É uma forma de gerar receita para o pequeno produtor interessado em formar florestas para a produção de pinus e madeira", explicou o engenheiro florestal José Alexandre Gigli de Godóy, que também atua no projeto.

Segundo ele, como o retorno da madeira só vai ocorrer a partir de oito anos após o plantio, quando o produtor começa a colher a resina, a área pode ser usada nesse período para culturas como o feijão e a criação de gado de corte.

Projeções realizadas pela Planebrás mostram que, ao longo de 20 anos - quando a madeira atinge o ponto de corte - o produtor poderá ter ganhado até



O agrônomo Ressude, que assessora a propriedade de Stecca: "Rendimento de R\$ 6 mil com o feijão, em duas safras"

R\$ 12,6 mil por hectare, considerando a resinagem consorciada com o feijão ou o milho nos dois primeiros anos e, depois, com o gado de corte.

Se a mesma área for usada na forma convencional, apenas para plantar feijão, o ganho nesse período cairá para R\$ 8,1 mil por hectare. Se plantada com milho, o ganho será de R\$ 4,7 mil por hectare e, se usada só

para gado de corte, terá um ganho de R\$ 2,6 mil.

Os cálculos foram feitos considerando as médias de preço dos últimos cinco anos desses produtos.

No caso da resina, esse preço, no mercado internacional, foi cotado em R\$ 360 a tonelada. O agrônomo Ressude explica que o feijão deve ser semeado entre as linhas do pinus, deixando um espaço de 50 centímetros de cada lado.

Cultivo convencional - O solo deve ser preparado para o culti-

vo convencional do feijão, com a correção da acidez e adubação normais. A primeira semeadura pode ser feita imediatamente em seguida ao plantio das mudas. "Nesta área, plantamos em dezembro do ano passado", contou. Os defensivos necessários para o feijão não interferem na vida vegetativa do pinus, segundo ele.

Total mecanização - O espaçamento entre as linhas de pinus, de 3,3 metros, possibilita a total mecanização do cultivo. Os mesmos resultados podem ser alcançados com o milho. "Qualquer dessas culturas pode ser feita até o terceiro ou quarto ano da floresta, sem atrapalhar o desenvolvimento das árvores", afirmou.

Depois desse período, a formação da copa do pinus pode interferir na produtividade da lavoura. No caso do gado, o plantio do pinus pode ser feito diretamente no pasto, nas linhas abertas pelo sulcador, mantendo a distância de 3,3 a 3,5 metros entre as linhas. É possível para plantar mil mudas por hectare.

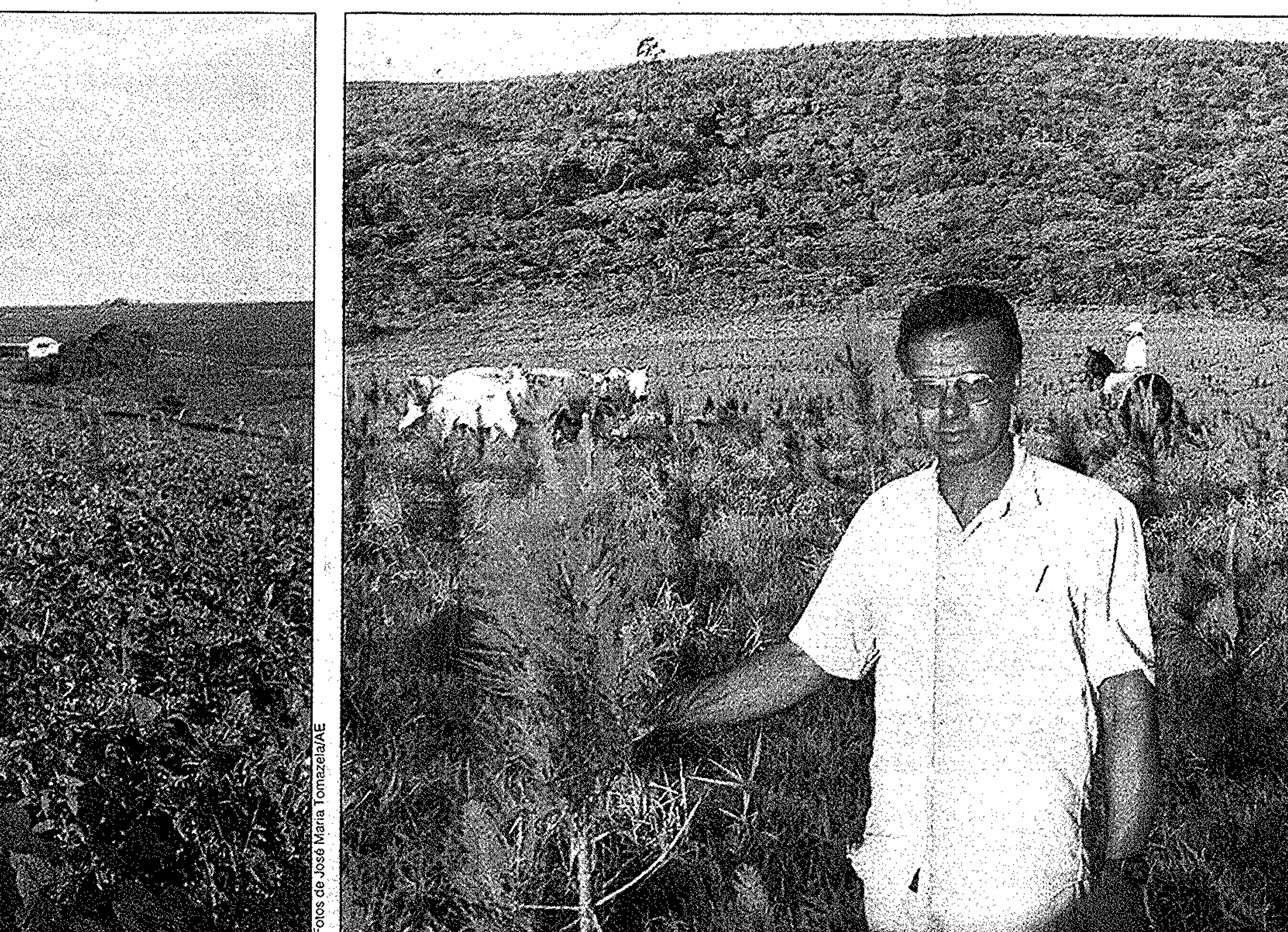
Bezerros entram após um ano e meio de plantio

Plantas de pinus ainda estão pequenas, mas animais são leves e não causam estragos

O criador Henrique Fernandes, que adotou o sistema numa área de 70 hectares, colocou o gado três anos depois do plantio. Ele usa herbicida para fazer o coroamento do pinus, mantendo as mudas livres da concorrência da braquiária, que recobre a área. Mas um ano e meio depois do plantio das mudas já dá para soltar na área os bezerros em desmama, um gado mais leve, no pasto onde viceja o pinus, segundo o engenheiro florestal Godóy. "Os bezerros não estragam as plantas", disse.

A lotação é de até duas cabeças por hectare nesse período, devendo ser reduzida para um animal por hectare (2,5 por alqueire) para gado adulto. O gado pode ficar até seis ou sete anos, quando as copas fecham.

A Planebrás mantém também uma área de 36 hectares de pinus



O encarregado Alípio de Oliveira: "Rebanho é distribuído de forma a não prejudicar o cultivo principal"

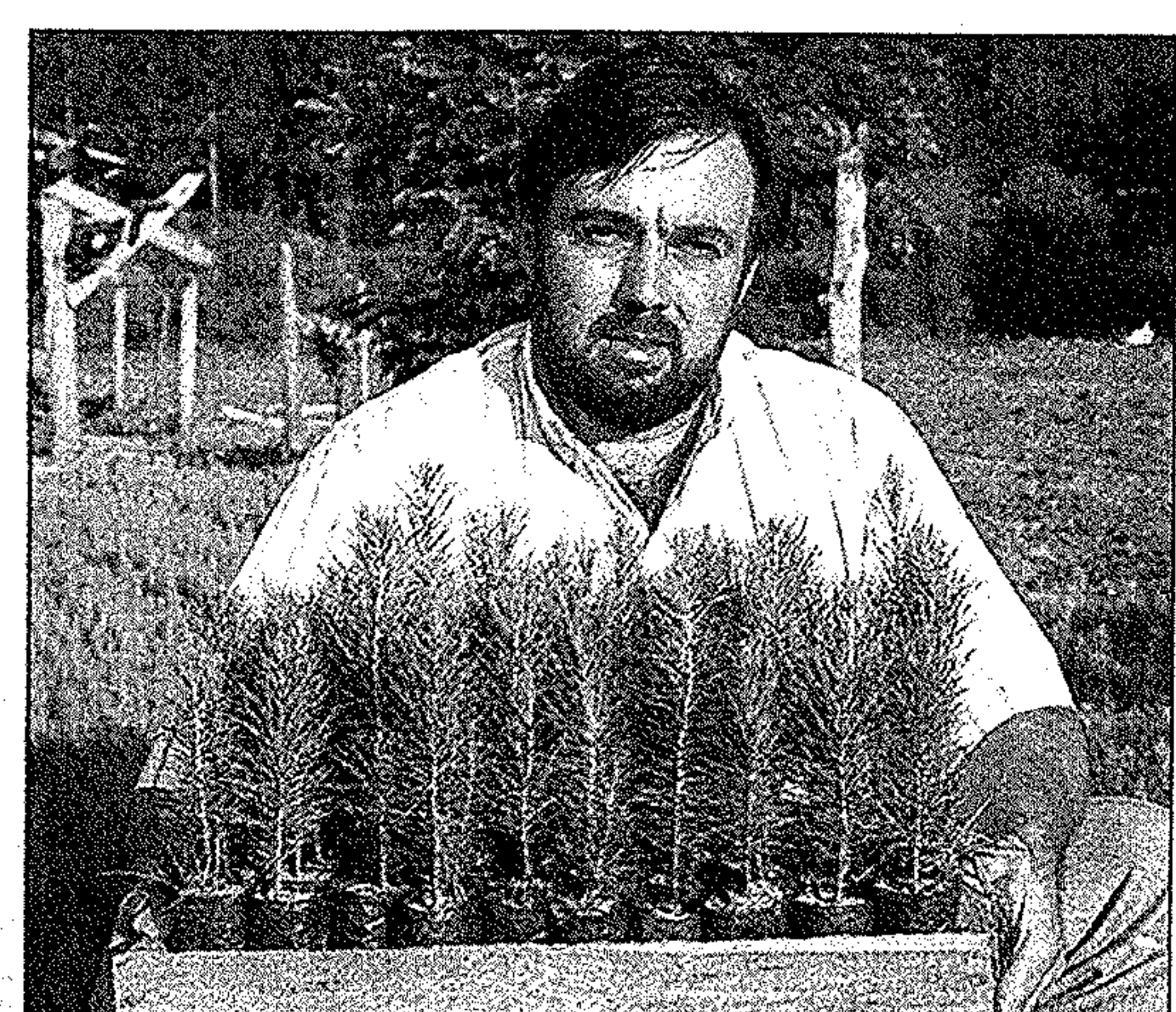


Muda de pinus: quando o gado ou o feijão forem retirados, e a planta estiver grande, inicia-se a resinagem

formada com *Brachiaria decumbens* para criar nelore no sistema de rotação de pastagens. "O gado aproveita bem o pasto, sem danificar as plantas", garante o encarregado Alípio de Oliveira. O rebanho é distribuído de forma a que uma cabeça de gado adulto disponha de 1 hectare de pastagem. "É o suficiente para ter um ganho de peso dentro dos padrões, sem afetar a floresta."

A existência da pastagem traz outra vantagem para o produtor, evitando despesas com a limpeza do pinus. Godóy explica que nessa área foram plantadas mudas melhoradas de *Pinus elliotti* para a produção de resina.

Quando o gado sair, terá início a resinagem, com previsão de produção inicial de 4 toneladas por hectare ao ano. Só a resina vai render de R\$ 1,2 mil a R\$ 1,5 mil por hectare, considerando os preços atuais. O sistema pode ser usado também para gado de leite. "Tira-se o leite das vacas e, depois, o da árvore, na forma de resina", costuma dizer Godóy.



O engenheiro florestal José Godóy: "Gado de leite também pode ser usado no sistema"

Floresta é cultivada em sistema de parceria

Planebrás fornece mudas e dá assistência técnica aos plantios por dois anos

O cultivo de pinus para produção de resina e madeira, base da economia de Buri, que tem mais de mil hectares de florestas, é uma importante atividade econômica também nas regiões de Capão Bonito, Itapeva e Itararé, no sudoeste do Estado. Embora não existam dados atuais, calcula-se que existam cerca de 100 mil hectares cultivados, com aproximadamente 90 milhões de árvores, representando um grande potencial para o consórcio agropastoril.

Reposição florestal - Só a Planebrás possui 4,6 mil hectares nessa região, além de 2,5 mil no Paraná, totalizando uma floresta com cerca de 6 milhões de árvores produtoras de resina. "Temos trabalhado, em conjunto com a Ecoar, para garantir a reposição das florestas cortadas", diz o diretor, Antonio Carlos Stecca. O problema é, segundo ele, que a queda dos preços da resina e seus derivados no mercado internacional está prejudicando os novos plantios. "Corremos o risco de ter, no futuro próximo, uma quantidade muito reduzida de árvores."

A Planebrás mantém um viveiro de mudas em parceria com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) em Capão Bonito. Só este ano, o viveiro formará 700 mil mu-

das de pinus para plantio em áreas disponíveis, segundo o engenheiro florestal José Alexandre Godóy. Nos últimos dois anos, só o município de Buri absorveu 350 mil mudas.

"Temos condições de produzir muito mais", disse. A atividade dá renda e trabalho o ano todo, pois a coleta de resina estende-se de setembro de um ano a agosto do outro. A empresa mantém um sistema de parceria com produtores da região, fornecendo as mudas e dando assistência por dois anos. Em cultivos próprios e de terceiros, a empresa colhe cerca de 30 mil toneladas de goma resina, 50% das quais são exportadas. A maioria dos seus 800 funcionários reside com a família nas áreas onde trabalha. "Os núcleos são dotados de saneamento básico e os trabalhadores recebem assistência médica", disse Godóy.

■ Antonio Carlos Stecca, da Planebrás, Buri (SP); ■ (015) 456-1414; José Alexandre Gigli Godóy, engenheiro florestal, Buri (SP); ■ (015) 546-1311

Reserve seus melhores lances

Leilão Premier
38 Matrizes
Limousin P.O.
14 DE NOVEMBRO
DE 1998
Sábado - 12 horas
Limousin Haras
Makita
Porto Feliz - SP

Leilão Premier
Matrizes Limousin P.O.

LIMOUSIN